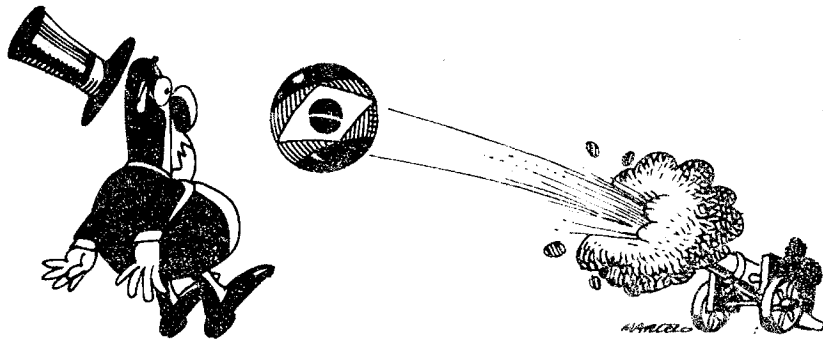


Banco francês acha que moratória poderá gerar crise internacional

Se o Brasil optar pela moratória, os bancos credores internacionais se verão às voltas com uma série crise financeira, já que a dívida brasileira supera, em muitos casos, o capital social dessas instituições. A conclusão, que vem sendo alardeada com insistência por membros da comunidade financeira internacional, foi manifestada mais uma vez, ontem, no Rio, pelo Diretor de Estudos Econômicos do **Banque Nationale de Paris**, Gabriel François, que está no Brasil pela primeira vez para conferências sobre a crise econômica mundial.

François sustenta a necessidade de manutenção do atual volume de remessa de juros da dívida, da ordem de US\$ 12 bilhões (Cz\$ 170,9 bilhões) anuais, como forma de garantir a entrada de dinheiro novo no País. Em sua opinião, a possibilidade de o País passar ao largo de um acordo com o FMI é muito remota.

— Se a Suíça recusasse um moni-



toramento do Fundo, provavelmente conseguiria, mas o Brasil, com a falta de credibilidade que tem no momento, é muito difícil — argumentou.

Para François, “a relutância brasileira em firmar um acordo com o FMI é semelhante à de um doente que recusa um controle médico”. Admitindo ter uma formação “muito ortodoxa”, o Diretor do **Banque Nationale de Paris** acha que a função do Banco Central deve ser a de con-

trolar ao máximo possível, a inflação, através de uma rígida política monetária, “o que não é o caso da Argentina, onde o BC adota uma posição de alimentador da inflação”.

— Isso não deve acontecer no Brasil. O BC não pode emitir moeda para cobrir o déficit público, nem que para isso o País tenha de enfrentar a quebra de algumas empresas privadas ou mesmo de instituições financeiras. Na França partimos para

uma política semelhante em 1957 e não tivemos de enfrentar este tipo de problema. Acho que o Brasil também deve correr este risco, se quiser se livrar da ameaça inflacionária — receitou.

François é um defensor da inflação zero e sua receita para isso não é das mais populares: arrocho salarial e contenção do orçamento das estatais, além da redução do déficit público, que deve variar, no caso brasileiro, em cerca de dois por cento do PIB. “Nesse contexto”, prossegue, “é indispensável criar mecanismos para aumentar a poupança”.

O **Banque Nationale de Paris** movimentou recursos da ordem de US\$ 1,2 bilhão (Cz\$ 17 bilhões) no Brasil, entre financiamento a empresas privadas e estatais e investimento e espera, futuramente, incrementar seus negócios no País. Tem ainda 45 por cento do capital social do Banco Cidade de São Paulo e mantém operações de corretagem e **leasing**.